

Suplemento Cultural

COCHILOS E REFLEXÕES*

LEAL DE QUEIROZ – Acadêmico, ex-presidente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

Paranaíba, MT. – Embriagado da quietude provinciana, própria e tão característica desta lendária Santana de Paranaíba, de onde o consagrado patrono de uma das catedrais do “petit trianon” nacional recolheu o enredo da imortal novela que tem o título de INOCÊNCIA, e universalmente conhecida à vista das incontáveis traduções, é o articulista levado a contemplar uma tela de tolerante simetria entre o ontem e o hoje, encenando aqueles mesmos quadros que impressionaram os preceptores da humanidade, nos límiões da civilização. Crê-se, em juízo apressado, que se está delirando com aquarelas do passado, quando este retrospecto nada mais exprime que um desprezioso correr d’olhos no índice do pretérito, em busca dos capítulos comparativos do homem do presente e o homem primitivo.

Nos mais elementares princípios das chamadas ciências de relação, encontramos notícia de que a necessidade foi o móvel do agrupa-



FOTO: GOOGLE
Ponte do porto Alencastro, na divisa entre MS e MG, liga Paranaíba a Uberlândia

mento humano. Necessidade de expansão, necessidade de conquista, necessidade de subsistência e, sobretudo, necessidade de defesa. E esta contingência se veio avolumando de modo tal, até nós que o homem de hoje é o mais covarde e mais escravo que o de todos os tempos pouco a pouco foi ele se abdicando de direitos inerentes à sua própria individualidade em benefício do grupo, sob cuja legenda confiou a continuidade da sua permanência no seio dos semelhantes. Receoso de se tornar presa do criado ou alimentar-se da carne do irmão divorciou-se de muitas fascinações que a vida lhe poderia favorecer.

Com medo de ser atacado indefesa inventou a flecha, hoje substituída, pelas máquinas mais modernas que o gênero humano concebeu. A indolência, própria da sua natureza, insinuou a criação da eletricidade e da mecânica.

Protegido por fortalezas cada vez mais sólidas e inexpugnáveis é que se apresenta.

Antes, errava pelas desertas florestas, descia o curso dos rios sobre o dorso de pinheiros, sem que trouxesse consigo armas nem mapas. E, assim eram os brutos, os selvagens...

Não profanava o deus alheio, acatava as mulheres do clan. E assim, eram os pagãos, os bigamos...

Hoje, que uma boa soma da humanidade ouviu lições e mestres, leu os decálogos de virtudes, aconselhou o próximo na prática do bem, com que quadro nos deparamos na tela? Este, simplesmente. Uma cidade com toda a sua vida paralisada porque faltou a energia elétrica; os escritórios de portas cerradas porque a companhia de transportes coletivos fez greve; um parlamentar na fábrica de armamentos, porque vai haver sessão no Congresso; o escolar deixa de comparecer à aula porque a governante

“

Nos mais elementares princípios das chamadas ciências de relação, encontramos notícia de que a necessidade foi o móvel do agrupamento humano. Necessidade de expansão, necessidade de conquista, necessidade de subsistência”

não pôde conduzi-lo...

Assim, é que vive o homem da era atômica, temendo mesmo a si próprio. É o mais covarde e o mais escravo que o de todos os tempos!

* Texto publicado no *Jornal Gazeta do Comércio* (Três Lagoas, 7 de agosto de 1949)

POESIAS

HOMOGENIA DAS RAÇAS

(Para Nelson Mandela)*

Quanto negror na alma dessa gente
Que, pela cor da pele, impõe escalas:
Quem nasce branco é rei onipotente,
Se negro nasce, então vai pras senzalas!

Irmão, a cor é secreção da mente,
Cor não existe como a vês ou falas;
Então, ser negro ou branco é indiferente,
Pessoas não têm cor ao ato de amá-las!

Como o Filho de Deus, sem preconceito,
Que as multirraças acolheu ao peito,
Numa ação imparcial, pura e singela,

Um filho negro lá do céu arcano
Pôs fim ao apartheid africano,
Qual um novo Jesus – Nelson Mandela!

(*) -Minha homenagem à militante Winnie M. Mandela, viúva do ex-presidente sul-africano, Nelson Mandela, falecida aos 81 anos na segunda-feira, dia 02/04 p.p.

GERALDO RAMON PEREIRA

CAMISAS

RAQUEL NAVEIRA – vice-presidente da ASL

Passo camisas muito bem. Não penso um pouco de goma nos punhos e no colarinho entretelado. Sinto prazer em ver o tecido alisar-se, fumegante de vapor. As azuis são minhas preferidas. Podem ser de algodão, seda ou linho fino. Simples ou luxuosas funcionam como uma segunda pele. Partilho da sua intimidade, do momento em que ele abotoará o peito e eu o ajudarei a firmar o nó da gravata. Afinal, são as camisas do meu marido.

É justamente esse o título do conto que abre o livro da escritora Nélida Piñon: *A Camisa do Marido*. A trágica história de Elisa organizando os pertences deixados por Pedro, o marido assassinado. Enquanto se posiciona, dobrando as mangas, ela rumina dentro de si a suspeita, o nome do algoz. Decidiu que a camisa do marido o substituiria no leito de

um casamento de trinta anos. Os trapos sujos de sangue, destroçados pelo punhal, seriam um símbolo daquele que a deixara não por vontade própria, pois jurara permanecer com ela até a morte. Os filhos, Tiago, Lucas e Mateus, rondam a mãe viúva com seus pensamentos, carências e emoções. Com seus monólogos inaudíveis. Eles são altos, ela pequena, mas pronta para enfrentar bichos, homens e perigos. Traz a camisa ensanguentada para perto do corpo. Ela e o marido se excluíram do mundo para se possuir, eram suficientes um para o outro. Esqueciam-se dos filhos. Egoísta e vingativa, Elisa contrata um matador profissional para dar cabo do assassino do marido, um criminoso ciumento que, segundo ela, julgou que Pedro tivera um caso com sua mulher. Uma infâmia, uma ofensa. Tremeu inteira, enquanto engolia a cápsula de veneno retirada do bolso da saia. Tiago, filho revoltado, diante da mãe morta, recolhe para si

a camisa do pai e se tranca no quarto. Na casa. No coração. Numa luta sem tréguas com os irmãos. Que almas atormentadas. Nélida é cruel, poderosa narradora, mistura morbidez e lirismo em seus textos tensos. Sou sua ávida leitora.

Dizia antigo ditado que “O homem feliz não tem camisa”. Nada reivindica, sua felicidade não depende das circunstâncias e dos bens materiais. Ele é leve como o ar, sem nenhum peso, nenhum fardo, nenhum jugo, nenhum vínculo. A lenda oriental conta que um califa doente estava deitado sobre almofadas acetinadas. Os médicos e magos concordaram em que apenas uma coisa poderia conceder cura e salvação ao califa: recostar a cabeça na camisa de um homem feliz. Mensageiros buscaram em vão: as pessoas estavam cheias de tristezas e preocupações, reclamando e murmurando, ora contra o passado, contra o presente, ora descrentes do futuro. Os corações ingratos, queixosos, insatisfeitos. Finalmente, encontraram um pastor que cantava observando as ovelhas. Perguntaram-lhe se ele era feliz. Ele respondeu que sim. Pediram então

que desse a sua camisa para levar ao califa. Ele ponderou que não tinha camisa. Contaram então essa história ao califa. Ele se conscientizou, arrependeu-se, distribuiu seus bens entre os pobres e ficou curado.

Quando pequena, andava pela rua do comércio, a rua 14, com meus avós, olhando as lojas e me chamava a atenção a Camisaria Kaleche, instalada num corredor iluminado. À frente, o libanês Gabriel nos convidava insistentemente: “_ Entrem, amigos, vejam nossas camisas. São coloridas, listradas, estampas delicadas, bom corte, talhe perfeito, macias. Entrem, entrem. Quem não precisa de camisa, não é mesmo? Nem era verdade aquela lenda de que o homem feliz não usava camisa. Usava sim, camisão de cânhamo, de estopa, de camponês trabalhador, mas usava. A camisa é a elegância, a dignidade. Entrem, entrem”. E quando sentíamos o cheiro do café servido por sua irmã Leila, moça formosa, com sotaque francês, entrávamos, alegres fregueses debruçados sobre o balcão.

Passo camisas com esmero. O meu marido fica sempre bonito com esta azul clara.

DO NADA, ALGO

sou de contrariar
se me pedem o centro
escolho direita ou esquerda
unindo poesia e ideologia
embora saiba que na
maioria das vezes
os caminhos escolhidos
são simples bifurcações
que levam pensamentos
coisas
pessoas
de volta aos mesmos lugares
contestações não são inúteis
embora despertem
rancores ódios ressentimentos
provocam também a verve
da desconfiança no antigo
traçam ao imobilismo humano
alguns traços do provocar
o moderno nem sempre é novo
o trasteve nem sempre é ranço
o que espanta nem sempre é nocivo
é preciso a semente do
instigar incitar estimular
para que do
nada
nasça
algo

HENRIQUE DE MEDEIROS

EDITAL DE CONVOCAÇÃO - ASL

O Presidente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, no uso de suas atribuições e em cumprimento ao art. 25 do Estatuto da ASL, convoca todos os membros efetivos para reunião ordinária a realizar-se na sede da Academia (Rua 14 de Julho nº 4635 - Altos São Francisco - Campo Grande/MS), no próximo dia **11 de abril**, quarta-feira, às **14h**. A reunião tratará de assuntos gerais e urgentes de interesse do Sodalício. Contamos com as presenças de todos os acadêmicos.

Campo Grande, 07 de abril de 2018
Henrique Alberto de Medeiros Filho (Presidente)

O PORTÃO DE FERRO

PAULO COELHO MACHADO

O primeiro moinho de vento instalado no perímetro urbano de Campo Grande foi o de Zeca Taveira, na esquina da Rua 15 de Novembro com a Rui Barbosa. Mas, antes disso, Amando de Oliveira já colocara engenho idêntico em sua fazenda Bandeira, junto da casa da sede, por volta de 1905. Não confundir aquele que existiu muito mais tarde na atual Avenida Bandeirantes e próximo do famoso Portão de Ferro.

A área dessa fazenda, adquirida de José Luís Pereira, era de 1.250 há de boas pastagens nativas. Amando, um fazendeiro progressista, mediu e cercou o perímetro, dividiu o terreno em invernadas regulares para melhor manejo do gado. Construiu de alvenaria a casa da sede, varanda em volta, no estilo funcional das fazendas paulistas da época.

O Anhanduí margeava toda a porção ocidental da gleba. A medição e demarcação, realizadas pelo tenente Leonel Velasco, tiveram a respectiva planta assinada por Soter de Araújo França.

A atual Avenida Bandeirantes era a mais importante estrada de saída da vila: para a fronteira, para Nioaque e, portanto, para as fazendas da Vacaria e até para a boiadeira que demandava São Paulo. Ela cortava a fazenda no lado poente. Os cavaleiros e carreteiros que a utilizavam tinham o mau hábito de deixar aberta a “cimbra” ali existente. Pior foi a porteira de varas. Daí a colocação de um portão de ferro. Ficava na Avenida Bandeirantes, mais ou menos na altura do prédio hoje ocupado pela Enersul, e chegou a dar nome ao próprio bairro. Milton Vicente Ferreira, que nasceu e foi criado perto do Porto de Ferro, publicou obra evocativa da infância, onde informa que essa peça foi ali colocada pelo administrador da

companhia inglesa que adquiriu a fazenda após a morte de Amando. Há também os que afirmam a existência do portão antes da alienação da propriedade. O fato é que toda gente o conhecia de muito tempo.

Nas proximidades ficavam estacionadas as carretas dos fazendeiros para a recuperação dos bois nas viagens de volta às fazendas, com o carregamento de sal, arame e tantas outras mercadorias.

Há a suposição de que o fabricante do portão de ferro tenha sido o alemão Júlio Dittmar, casado com Jacinta Vieira, irmã de Idalina Vieira Mestre, a primeira telefonista de Campo Grande, primas da mulher de Amando, Dona Dorô. Dittmar foi o primeiro serralheiro da região e único por muito tempo. O engenheiro Euclides de Oliveira, sem fazer uma afirmativa categórica, admite a hipótese de que seu pai tenha colocado o portão, que Milton Ferreira recorda com tanta emoção.

HAICAIS

Amar o Próximo
sempre foi a ordem do Mestre.
Por que não a seguimos?

Amar uns aos outros
foi ordem do meigo Jesus
aos amigos seus.

Quem com ferro ferir,
só pode ser perdoado
se com ferro pagar.

O homem ao nascer
recebe áurea moeda.
Um dia dará conta.

J. BARBOSA RODRIGUES